

EDIÇÃO
ESPECIAL

arqqa

ARQUITETURA E ARTE

Nº143 • 2021 • €11

CASA DA ARQUITECTURA

DOSSIER
EDIFÍCIO DIGITAL CA

ENTREVISTA
com NUNO SAMPAIO

MINIENTREVISTAS

ARTES

DESIGN

CAMILO REBELO E SUSANA MARTINS
EDUARDO SOUTO MOURA
GONÇALO BYRNE
JOÃO LUÍS CARRILHO DA GRAÇA
LUCIO COSTA
PAULO DAVID
PAULO MENDES DA ROCHA
PEDRO RAMALHO

DOSSIER ACADÉMICOS UNIVERSIDADE LUSÍADA



00143
5 607727 164821

ISSN: 1647-077X

4 índice index

Os artigos assinados são da inteira responsabilidade dos autores

arqa 143 4.º trimestre 2021

- 5 indoors
FACHADAS, PAVIMENTOS & REVESTIMENTOS
- 12 destaque highlight
ATUALIDADES E AGENDA
- 14 editorial editorial
Victor Neves
A CASA THE HOUSE
- 16 sobre o tema about our theme
José Manuel Dias da Fonseca
CASA DA ARQUITECTURA-FAÇAM FAVOR DE ENTRAR
PLEASE COME IN
- 18 entrevista interview
com Nuno Sampaio
- 23 minientrevistas mininterviews
Catherine Otondo; Eduardo Souto Moura, Gonçalo Byrne,
João Luís Carrilho da Graça, Julieta Sobral, Pedro Ramalho
- 30 mapa map
- 31 dossier digital casa da arquitectura
- 35 biografias biographies
projetos projects
- 40 *Camilo Rebelo*
Bloco Azul, Blue Block, Atenas, Grécia, Athens, Greece
- 50 *Eduardo Souto Moura*
Torres Em Zhengzhou Towers - China
- 60 *Gonçalo Byrne Helena Botelho Studio*
Lar de São Caetano Da Santa Casa Da Misericórdia,
São Caetano'S Nursing Home, Viseu, Portugal
- 68 *João Luís Carrilho da Graça*
Complexo do Ministério da Defesa Nacional, Ministry of
National Defence Complex, Lisboa, Portugal
- 78 *Lucio Costa*
Alagados de Salvador, Bahia, Brasil
- 88 *Paulo David*
Abrigo para o Horizonte, Shelter to the Horizon, Madeira,
Portugal
- 96 *Paulo Mendes da Rocha*
Aquário Municipal de Santos, Aquarium, Santos, S. Paulo,
Brasil

Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio
Vargas, Getúlio Vargas Foundation - Business Administration
School, S. Paulo, Brasil
- 104 *Pedro Ramalho*
Casa das Artes, Porto, Portugal
- 110 opinião opinion
Jean-Louis Cohen e Vanessa Grossman, Carla Juaçaba,
Ricardo Carvalho e Seng Kuan
- 118 artes arts
Joaquim Moreno
Devolver o Público à Arte Giving Back the Public to Art
- 122 design design
CARLA CARBONE
Uma Identidade Gráfica em Harmonia com o Espaço A Graphic
Identity in Harmony with the Space
- 128 livros books
MÁRIO CHAVES
- 131 dossier ACADÉMICOS, Universidade Lusíada



Foto Capa:
Casa da Arquitectura, Ivo Tavares Studio



18 entrevista interview
COM NUNO SAMPAIO



40 projetos projects
CAMILO REBELO
BLOCO AZUL, BLUE
BLOCK, ATENAS



68 projetos projects
JOÃO LUÍS CARRILHO DA GRAÇA,
COMPLEXO DO MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL
MINISTRY OF NATIONAL DEFENCE COMPLEX, LISBOA



118 artes arts
DEVOLVER O PÚBLICO
À ARTE GIVING BACK THE
PUBLIC TO ART
Joaquim Moreno

DEVOLVER O PÚBLICO À ARTE

GIVING BACK THE PUBLIC TO ART

JOAQUIM MORENO



Gilson Fernandes, Casa da Arquitectura

'Medida Incerta' – Esculturas de José Pedro Croft

Apesar do muito público que se congrega em Veneza para ver a arte que por lá passa, cada dois anos, na muito famosa e duradoura Bienal, a arte em si é quase sempre privada. A sua relação com o público, quando se trata de obras permanentes, acontece ali e depois muda de lugar, continua a sua viagem. Quando as obras são efémeras, é a sua condição temporal que as priva de futuro, existem como acontecimento na circunstância da Bienal e desaparecem nas muitas mediações da nossa memória pessoal e coletiva. E o lugar físico que torna possível esta dramática interação também tem uma porta, um limiar entre um público fora-de-portas e um qualquer interior, quase sempre limitado e privado, ainda que muitas vezes esplendoroso. Fazer a arte pública implica quase sempre a possibilidade de a legar ao futuro, de comprometer o presente com o fazer perdurar as suas circunstâncias materiais, e de o fazer sem as interrupções e descontinuidades que condicionam tanto o coletivo como o privado. E uma bienal sem portas e com um contínuo legado de obras não seria certamente uma bienal, que assegura um lugar para a renovação contínua através do autoapagamento de cada edição pela edição seguinte.

A instalação de José Pedro Croft para a 57ª Bienal de Veneza, em 2017, com o seu certo título, tomou para si muitas destas incer-

tezas. Medida Incerta queria ser uma obra de arte pública, inscrita num ciclo de representações que quis fazer obra, ter um resultado duradouro, mobilizar a energia efémera da Bienal para terminar uma obra em suspenso. A representação portuguesa à bienal de arquitetura de 2016 tinha sido uma denúncia prospetiva da incompletude da obra de Siza Vieira no Campo di Marte, na ilha da Giudecca, e tinha produzido uma memória em filme do retorno de Siza a alguns dos seus projetos de habitação económica. Documentários de um arquiteto dialogante a escutar as vidas das suas arquiteturas e dos que nelas habitam, transportados para o estaleiro em suspenso de uma obra sua, à espera da completude que também lhe permitisse a tão esperada relação com as vidas dos seus habitantes. A obra incerta de Siza flanqueava um espaço aberto e público chamado Campo, que é italiano para praca, apesar da assonância pouco urbana, e di Marte, ou da guerra, apesar da evidente distância à grandiosidade de outros Champs de Mars. E a Medida Incerta de José Pedro Croft queria comprometer este espaço público com a vida e com o futuro dos seus habitantes.

Tal como as casas de Siza que o enquadravam, queria existir para afirmar a possibilidade de habitação permanente deste lugar,



Gilson Fernandes_Casa da Arquitectura

como matéria sobre a qual apoiar o legado deste lugar ao futuro.

Mas a incerta medida desta história tinha outros caprichos em programa, e mesmo longe da passarela central da Bienal, do outro lado do Canal Grande, num bairro popular como a Giudecca, onde mesmo as obras necessárias podem ficar em suspenso, os regulamentos da Bienal não permitem comprometer as obras com o futuro, ou de outro modo, fazer obra. A Medida Incerta representava uma excessiva certeza de um espaço público, de um direito à cidade, como a obra de Siza talvez representasse uma excessiva certeza de uma sociedade que não ignora o direito à habitação. O regulamento não permite... e uma obra teima em não recomeçar e a outra instala temporariamente a sua materialidade perene nos jardins da Villa Hériot, perto do Campo di Marte. E como tantas outras vezes antes, o ciclo bianual dos grandes festivais de arte e arquitetura parecia apagar esta história para voltar ao início, privar as coisas de envelhecimento, começar continuamente de novo. Mas a Câmara de Matosinhos – um responsável político pelo tal espaço público, e a entidade que paga a luz das ruas e das praças –, comprou a matéria destas máquinas de fazer reflexos e colorir a luz, de nos devolver a nossa imagem ou dar outra cor ao mundo que nos rodeia. Comprou a matéria para devolver

a obra ao público, para a devolver ao seu sentido permanente, para lhe permitir afirmar agora no antigo espaço da Real Vinícola e atual Casa da Arquitectura o sentido de público, de lugar partilhado sem portas e sem horário para que tinha sido imaginada. A hospitalidade da Casa da Arquitectura permite devolver o público à obra, permite que a Medida Incerta esteja em casa na Casa da Arquitectura, e que seja a afirmação de um legado, de um compromisso com o futuro... agora também espectador das memórias da Bienal de Veneza, que o compromisso da Casa da Arquitectura, com a memória e com o arquivo, conseguiu fazer fluir para esta casa comum, ou casa em público.

Despite the large public that gathers in Venice to see the art that goes through there, every two years, at the very famous and long-lasting Biennale, the art itself is almost always private. Its relationship with the public, when it comes to permanent works, happens there and then it moves on, continuing its journey. When the works are ephemeral, it is their temporal condition that deprives them of a future, they exist as an event in the circumstance of the Biennale and disappear in the many mediations of our personal and collective memory. And the physical place that makes this dramatic interaction possible also has a door,

a threshold between an out-of-doors public and any other interior, almost always limited and private, though often splendidous. Making public art, almost always implies the possibility of leaving it to the future, of committing the present, making its material circumstances endure, and, doing so, without the interruptions and discontinuities that constraint both the collective and the private. And a biennale without doors and with a continuous legacy of works would certainly not be a biennale, which ensures a place for continuous renewal through the self-effacement of each edition by the following one.

José Pedro Croft's installation for the 57th Venice Biennale, in 2017, with its accurate title, took many of these uncertainties upon itself. "Medida Incerta" wanted to be a work of public art, inscribed in a cycle of representations that wanted to produce work, to have a lasting result, to mobilise the ephemeral energy of the Biennale to finish a work in suspension. The Portuguese representation to the 2016 architecture biennale had been a prospective call of the incompleteness of Siza Vieira's work at Campo di Marte, on the island of Giudecca, and had produced a filmed memory of Siza's return to some of his affordable housing projects.

Documentaries of a dialoguing architect, listening to the live stories of his architectures and of those who inhabit them, transported to the suspended construction site of his work awaiting the fullness, that would also allow him the long-awaited relationship with its inhabitants lives. Siza's uncertain work delimited an open and public space called Campo, which is the Italian word for square, despite its non-urban recurrence, and "di Marte", or "from war", despite its obvious distance from the grandiosity of other "Champs de Mars". And José Pedro Croft's "Medida Incerta" wanted to commit this public space to the life and future of its inhabitants. Like the Siza's houses that framing, it wanted to exist in order to affirm the possibility of a permanent dwelling of this place, as something on which support the legacy of this place to the future.

But the uncertain measure of this story had other moods in its programme, and even far from the Biennale's central walkway, across Canal Grande, in a popular neighbourhood, Giudecca, where even necessary works can be put on hold, the Biennale's regulations do not allow works to be committed to the future or, otherwise, make work. "Medida Incerta" represented an excessive certainty of a public space, of a city prerogative, as Siza's work perhaps represented an excessive certainty of a society that does not ignore the right to housing. The regulations don't allow it... and one work insists on not starting and the one other temporarily installs its perennial materiality in Villa Hériot's gardens, near Campo di Marte. And, as so many other times before, the biannual cycle of the great art and architecture festivals seemed to erase this history, to go back to the beginning, depriving things of aging, starting continuously from scratch.

But, Matosinhos' City Hall - a political responsible for that public space, and the entity that pays the streets and squares lighting bills -, bought these machines that make reflections, colour the light, giving us back our image and "painting" the world around us with another colour. He bought the material to give back the work to the public, to give it back to its permanent sense, allowing it to affirm nowadays, in the former space of Real Vinicola, now Casa da Arquitectura, the public sense, of a shared place without doors and without schedule, for which it had been imagined. The hospitality of Casa da Arquitectura allows the public to return to the work, allows "Medida Incerta" to be at home, and to be the affirmation of a legacy, of a commitment to the future... now also as an observer of Venice Biennale memories, that Casa da Arquitectura commitment with memory and archive has managed to make it flow into this shared and public house.



Romulo Baratto Fontenelle

